

A vida e ação do presbítero se configura e se compreende a partir de três fundamentais fatores: da relação com Cristo, da vida em comunidade e da missão. O presbítero, como todo cristão, vive num horizonte cristológico na medida em que em seu viver expressa o discipulado de Cristo. Nesse horizonte ele configura a sua identidade humana, cristã e eclesial. Desenvolve a sua espiritualidade e a sua missão e forma sua identidade crística. Claro, a intensidade e coerência dessa relação é um processo de conversão, até ter “os mesmos sentimentos de Cristo”, como exorta Paulo na carta aos filipenses (Fl 2,5).

Um segundo elemento que caracteriza o ser e agir do presbítero é a vivência em comunidade. Não se é presbítero para si mesmo, mas para e com os outros. Daqui a importância da comunidade pastoral e a comunidade presbiteral. Afinal, a experiência de Cristo é feita em comunidade, pois ali acontece o encontro, a relação, o diálogo, a cooperação, a solidariedade, a comunhão no amor. Experiências fundamentalmente cristãs. E a qualidade da vivência comunitária expressa a qualidade da experiência de Cristo. Pois, como adverte João em sua primeira carta, “quem diz que ama a Deus a quem não vê e não ama o irmão a quem vê, é mentiroso...” (1Jo 4,20).

Da relação com Cristo e da vivência comunitária, nasce a missão. O encontro com Cristo desperta a sensibilidade para com as necessidades dos outros. Daí surgem os carismas, os ministérios, a vocação. Frutos da ação do Espírito no qual Cristo foi ungido e enviado em missão. É o mesmo Espírito que unge também o presbítero. A unção é para a missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim, me consagrou e me enviou...” (cf. Is 61,1). A finalidade última da missão é “para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). E vida em abundância, vida plena, só é possível na experiência de Deus, aqui neste mundo e na eternidade.

Portanto, o modus essendi e o modus operandi do presbítero é formado pela relação com Cristo, na sua vivência na comunidade pastoral e no presbitério e pela missão. Em tudo isso opera o Espírito e a graça de Deus que constitui o ministro (cf Ef 3,2). Não se prescinde dos fatores sociais e humanos da pessoa do presbítero. Seu ser e agir estão integrados no contexto sócio-cultural, político, econômico, religioso.



Fatores que influenciam na estrutura cultural, psico-afetiva, religiosa da pessoa. E é essa pessoa que se relaciona com Cristo, que forma a comunidade e que assume uma missão. É essa pessoa, com suas qualidades e limites, que “se fez padre”. Daqui, um dos principais desafios para a formação do presbítero: deixar o humano ser trabalhado pela graça de Cristo que, sem negar ou forçar a natureza, a assume e a transforma, com suas limitações, em instrumento, mediação e serviço do Evangelho. O humano torna-se, com suas qualidades e precariedades, como que um sacramento do divino. Afinal, gratia naturam supponit.

Em nossos dias, muitas são as questões que pairam sobre o presbítero, seu ser e agir, como humano, como cristão, como Igreja. O que é ser padre e por quê ser padre? Como deve ser hoje o padre? Há algum “modelo” de padre que pode inspirar os atuais e futuros vocacionados? Qual é a espiritualidade do presbítero, sobretudo diocesano? O que pode e o que não pode o padre fazer no meio social? Pode, e em que medida, o padre, viver como os demais cidadãos? Como fortalecer a dimensão profética do ministério presbiteral em meio às situações de empobrecimento e sofrimento injustos? E o que dizer dos padres que reúnem multidões em celebrações nas quais se confundem o místico e o estético, o carisma de servidor e o de pop espetacular, a proclamação do Evangelho que questiona e o show que apenas emociona...

São algumas das interrogações atuais sobre a vida e a ação do presbítero. A presente edição de Encontros Teológicos quer contribuir para a reflexão e a busca de resposta sobre tais questões: Stefano Raschietti ajuda a compreender a relação entre O presbítero e a missão; Luis I. J. Stadelmann apresenta O Ministério presbiteral na Igreja; Dom Ângelo D. Salvador traz algumas reflexões sobre a Formação presbiteral inicial e permanente; Anselmo M. Linberger busca entender O ser e o agir do presbítero a partir do documento de Aparecida; José L. M. de Oliveira desenvolve alguns Desafios atuais para a formação eclesial; na mesma direção, Arlene Denise Bacarji trata sobre A Igreja, a homossexualidade e o clero; Cleiton José Senem fala da Celebração e Vida: dois momentos inseparáveis da Celebração Eucarística. Publicamos, também, na forma de testemunho, a Homilia gratulatória da missa do Jubileu de Ouro de um Presbítero, além de recensões e crônicas.

Pe. Elias Wolff
Diretor